

LEONARDO LOPES COELHO

TEMPO DE RECRIAR

O cinema itinerante na zona rural de Ervália/MG

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2023

TEMPO DE RECRIAR

O cinema itinerante na zona rural de Ervália/MG

Memorial apresentado ao curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Orientação: Prof. Ernane Corrêa Rabelo (DCM/UFV).

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	04
1.1 - O cinema no interior.....	04
1.2 - A Recria Cine e a Itinerância.....	05
2 - OBJETIVOS.....	06
2.1 - Objetivo Geral.....	06
2.2 - Objetivos específicos.....	06
3 - JUSTIFICATIVA.....	07
4 - REFERENCIAL TEÓRICO	08
4.1 -A fotografia como linguagem.....	08
4.2 - Jornalismo Gonzo.....	09
4.3 - Jornalismo Cultural.....	11
5 - METODOLOGIAS.....	12
5.1 - Pré-produção.....	12
5.2 - Produção.....	13
5.2.1 Relato pessoal.....	14
5.3 - Pós-produção.....	15
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	16

RESUMO

O Livro Fotográfico “Tempo de Recriar” é resultado do projeto experimental produzido para a disciplina COM 490 - Trabalho de Conclusão de Curso II, sendo este o trabalho de conclusão de curso do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O trabalho busca demonstrar através da vivência, depoimentos e, principalmente, de registros fotográficos o quão transformador para as comunidades rurais foi o evento “Recria Cine Itinerante”. Não só para as comunidades, o livro também busca mostrar como foi o contato da equipe do evento com o meio rural e as relações construídas no decorrer do mesmo.

PALAVRAS-CHAVE:

1. Cinema; 2. Cinema Itinerante; 3. Democratização; 4. Livro Fotográfico; 5. Jornalismo Cultural.

ABSTRACT

The Photo Book “Tempo de Recriar” is the result of the experimental project produced for the discipline COM 490 - Course Completion Work II, which is the course completion work of the Social Communication/Journalism course at the Federal University of Viçosa. The work seeks to demonstrate through experience, testimonials and, mainly, photographic records, how transformative the event “Recria Cine Itinerante” was for rural communities. Not only for the communities, the book also seeks to show how the event team's contact with the rural environment was and the relationships built during the event.

KEY WORDS:

1. Cinema; 2. Traveling Cinema; 3. Democratization; 4. Photo Book; 5. Cultural Journalism.

1. INTRODUÇÃO

1.1 O cinema no interior

O presente memorial busca relatar a criação do livro fotográfico “Tempo de Recriar”. Para tal, é necessário entender o evento Recria Cine e o contexto em que ele surge, para que assim, entenda-se a importância do mesmo e de seus impactos na sociedade. Quando se fala sobre o acesso ao cinema, é possível perceber que ainda se trata de algo restrito a grande parte da população brasileira, principalmente ao falarmos de cidades interioranas.

Nesse sentido, segundo dados do IBGE, apenas 10% dos municípios brasileiros possuem salas de cinema e estas concentram-se, em sua maioria, nos grandes centros urbanos. Os autores Marcelo Macedo, Carolina Ficheira e Rodrigo Guéron em seu artigo sobre o projeto Oficinas (2010) nos contam que ir ao cinema era um programa que mobilizava de forma especial cidades interioranas. No entanto as salas de cinema foram sendo substituídas por mercados, padarias, igrejas e outros estabelecimentos, e mesmo que tenham surgido salas, em sua maioria nos *shopping centers*, o número total ainda sofreu grande queda.

O assunto já foi tema do próprio cinema. O filme *Cine Holliúdy*, do diretor Halder Gomes, conta a história de um dono de cinema que tenta sobreviver em uma cidade do interior onde o acesso a TV chega. Há outras produções que relatam o mesmo acontecimento, como o documentário do cineasta Joel Zito do Santos, intitulado *A negação do Brasil*, que conta a história do cinema na cidade de Nanuque e a forma como este foi também sendo substituído pelo hábito de assistir às novelas na televisão.

Hoje, tornou-se muito mais fácil ter acesso aos filmes sem sair de casa, além da grande diversidade de escolhas do que assistir nas plataformas existentes. Isso já ocorria desde a popularização do DVD e hoje ocorre através de vários programas de *streaming*, como a Netflix, Amazon Prime, Google Play e vários outros. Tal fato comprova-se através da pesquisa realizada tendo como base o cinema estadunidense, que possui influência direta no cinema brasileiro. Em pesquisa, Souza (2021), nos mostra que houve uma redução anual de 0,2% a 0,5% de receita per capita dos cinemas após o lançamento do streaming. Com a crescente destes meios alternativos do consumo do audiovisual, tornou-se ainda mais difícil a ida ao cinema, devido ao gasto que a

envolve. Tais gastos não são apenas com os ingressos, mas principalmente, tratando-se de cidades interioranas, com transporte.

Os fatores citados acima tornam a ida ao cinema como algo distante, muito abaixo na lista de prioridade das pessoas que vivem em cidades do interior. São motivos que corroboram para que o hábito de se ir ao cinema tenha ficado cada vez menor, tornando comum ouvir pessoas de comunidades interioranas dizerem que nunca frequentaram uma sala de cinema.

1.2 A Recria Cine e a Itinerância

Tendo em vista as discussões anteriores, é válido refletirmos sobre a Recria Cine. A mostra de cinema para crianças e adolescentes surge na cidade de Ervália em 2016 sem grandes pretensões: o cinegrafista Tobias Rezende, em uma disciplina do curso de Midialogia na UNICAMP, realizou a produção de um curta chamado “Coisa Malu”. Após percorrer vários festivais, entre eles o festival de Cannes, o cineasta volta para a terra natal de sua família com o intuito de, juntamente com Jules Mattos, mostrá-lo unicamente para suas primas.

Surgiu então a ideia de expô-lo então para várias crianças, afinal, não seria dificuldade alguma apenas abrir tal exibição a um público maior. O evento começa a ganhar forma, visando atingir um público infantil tal como o de “Coisa Malu”. Juntamente com este curta, foram exibidos outros filmes e logo, o que era para ser apenas a exibição para a família, tornou-se uma mostra de cinema para crianças e adolescentes. Vale também ressaltar que, desde o primeiro momento, as escolas foram ocupadas para a execução do evento.

Deste evento viu-se a carência não só do cinema, mas de várias formas artísticas na cidade de Ervália. Viu-se também que a Recria Cine poderia ser um espaço para suprir tal carência e movimentar culturalmente a cidade. O produtor André Castro então se une e acontece a criação do Coletivo Refazenda. Já na edição seguinte o evento se torna quase um festival de artes integradas: a partir desse momento não havia apenas o cinema, mas também saraus, pinturas, oficinas, teatro e outras atividades artísticas. A Recria Cine começa a ganhar corpo e equipe, o que a fez ser o que é hoje.

Já nas primeiras edições da Recria Cine houve um choque da realidade. Foi possível perceber que não só crianças mas também adultos nunca haviam frequentado o cinema. Se isso era algo que ocorria na zona urbana na cidade, era de se esperar que na zona rural o contato com

essa forma de arte fosse ainda menor. Por isso, a troca com os povoados sempre foi um sonho dentre os produtores do evento.

No decorrer dos anos, várias edições foram feitas, sendo quatro delas em escolas na zona urbana de Ervália e duas de forma online por consequência do período pandêmico. Neste tempo a equipe também cresceu e o evento foi se aprimorando cada vez mais. No entanto, o contato com os povoados ainda continuava escasso, visto a dificuldade de acesso e investimento para a realização do evento em áreas rurais. Daí surge, com sua edição realizada em 2022, a Recria Cine Itinerante: um sonho antigo que se torna possível graças ao amadurecimento da Recria Cine como um todo.

E é dessa experiência que se trata o livro fotográfico “Tempo de recriar”, que busca compartilhar com o leitor toda a vivência e importância da Recria Cine Itinerante, seja no âmbito individual ou coletivo, de forma sensível e factual. Desta maneira o livro fotográfico surge como o melhor modelo para se atingir este objetivo.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Este projeto tem como objetivo geral a elaboração de um registro do que foi a realização do evento “Recria Cine Itinerante” a fim de mostrar o potencial transformador do contato das pessoas da zona rural com o cinema e outras formas de arte e educação, além de retratar a experiência dos bastidores de um evento como esse.

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos são relacionados em dois aspectos: trazer a visão do autor sobre as experiências vivenciadas no evento pelo público e a visão sobre a experiência da equipe organizadora do mesmo, incluindo a experiência própria. Com isso, busca também evidenciar o contato da equipe com essa realidade tão próxima e mesmo assim tão distante de si e todo o potencial transformador que age sobre estes dois grupos.

Além disso, tem como objetivo utilizar de tais relatos como *case*, relatando uma experiência que inspire e leve de forma humanizada, tanto as discussões acerca da democratização do cinema e o acesso a diferentes formas de arte por estes povoados interioranos como as ações tomadas pela execução do evento e, conseqüentemente, o impacto causado por ele. No âmbito pessoal, trata-se de uma forma afetiva de registrar um evento tão adorado, além de funcionar como portfólio no campo do fotojornalismo.

3. JUSTIFICATIVA

A escolha da Recria Cine Itinerante como objeto de estudo, e conseqüentemente a região de Ervália-MG, respeita fundamentalmente três questões básicas que justificam sua importância. A começar pelo município onde o evento ocorre: Ervália é uma cidade interiorana, pertencente à mesorregião da Zona da Mata mineira. Segundo os dados do IBGE de 2021, o município possui uma população estimada em 19.019 pessoas e a maior parte de seu território ainda é pertencente à zona rural.

Cidades como essa, diferente de grandes centros, comumente sofrem com a carência de movimentos culturais como o cinema, teatro e outras manifestações culturais. Pela falta de estrutura e o baixo acesso, se torna necessária a locomoção até cidades próximas para que o consumo dessas formas culturais possa existir. Como exemplo temos a própria cidade de Ervália: as salas de cinema mais próximas ficam nas cidades de Viçosa e Muriaé, ambas a mais de 40 minutos de deslocamento de carro. Além disso, os filmes são exibidos costumeiramente durante a noite e nesses horários não há transporte coletivo, aumentando ainda mais as dificuldades, e os gastos, de se ir ao cinema. Ao se tratar dos povoados e zonas rurais das cidades interioranas, o acesso é ainda menor e eventos como o Recria Cine Itinerante acabam, muitas vezes, sendo a primeira forma de contato das pessoas com esses movimentos artístico-culturais.

É a Recria Cine que se mostra como um diferencial para Ervália, o que a torna um foco de interesse ainda mais proeminente, além de marcar uma identidade cultural no município. Segundo a TV Diversa, a Recria Cine é uma das maiores mostras de cinema voltadas para crianças e adolescentes do país, demonstrando na prática o potencial transformador que o acesso às mais diversas formas de cultura causa nas pessoas quando chegam até elas. Registrar e documentar tal movimentação cultural, mostra-se, além do registro histórico, um exemplo a ser

seguido por diversas comunidades que ainda não possuem acesso aos mecanismos culturais citados.

Cabe ainda algumas importantes reflexões acerca do fazer jornalístico. A escolha do livro fotográfico como forma de produto a ser gerado se dá pelo impacto imagético ao se lidar com o real, característico da fotografia. Com ela é possível transmitir de forma sensível e próxima todo o impacto causado pelo evento, tanto nas comunidades como para a equipe que teve contato com ele.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 A fotografia como linguagem

Não é por acaso a escolha da fotografia como linguagem. As fotografias são capazes de desencadear ideias recorrentes e têm o poder de transmitir uma maior quantidade de informações ricas. No entanto, a mesma depende da capacidade do leitor de perceber as nuances de representação. A escolha do enquadramento e do momento para capturar a imagem é uma tarefa estritamente pessoal do fotógrafo, o que torna a narrativa como algo único e intrínseco ao autor, por mais que seja inerente ao real/exterior.

De acordo com Guran (2012), a matéria-prima da fotografia é a face visível da realidade, que está permanentemente em movimento, e cabe ao fotógrafo-antropólogo observar este movimento e selecionar o que for significativo para registro.

“Uma vez feitos os procedimentos técnicos - a medição da luz, o ajuste da velocidade de obturação, do diafragma e do foco - é a qualidade da luz, o enquadramento e a escolha do momento, ou seja, o instante em que o conjunto de fatores técnicos e os dados de conteúdo se integram e atingem a plenitude da expressão plástica que conferem toda a sua eficácia à imagem fotográfica”. (GURAN, 2012, p.78)

Segundo Horvat (1990), a fotografia é resultado direto da interação entre o fotógrafo e o conteúdo da cena registrada, tornando-a uma realização estritamente pessoal. Além disso, fotografar é atribuir ou reconhecer valor a um determinado aspecto de uma cena. Em adição, Cartier-Bresson (1952), diz que a fotografia é o reconhecimento simultâneo, numa mesma fração

de segundo, da significação de um fato e a organização rigorosa das formas percebidas visualmente que exprimem este fato.

Por isso a escolha de desenvolvimento deste projeto experimental como um livro fotográfico. De acordo com Parr e Badger (2005), um livro fotográfico ou fotolivro é um livro no qual a mensagem principal é entregue ao leitor por meio das imagens, mais propriamente dita, por meio das fotografias. Estas, quando incorporadas em sequência em uma obra, buscam trazer uma narrativa própria. Apfelbaum e Cezzar (2014) ainda vão além. Segundo os autores, o livro fotográfico deve ser mais do que apenas organizar as imagens em uma folha. Deve-se enaltecer o conteúdo apresentado, dando destaque a ele, além de apresentá-lo de modo conciso enquanto leva-se em consideração não apenas seu conteúdo, mas seus leitores e seu contexto.

Contexto este que se alterou durante o tempo, influenciando no objetivo da produção de um livrofoto. A origem do livro fotográfico ocorre quase juntamente com a própria fotografia, sendo este, *The Pencil of Nature*, do inglês William Fox Talbot. Talbot foi inventor da calotipia e utilizava do livro para catalogar os usos de seu trabalho. Como este livro houveram outros, e segundo o registro de Parr e Badger (2005), estes tiveram majoritariamente a função de arquivo, catálogos e “diários de viagem”. Com o passar do tempo novos usos surgiram para o livro fotográfico. Com a chegada da guerra fria veio-se a fotografia documental, seguida da fotografia de expressão que abre espaço para a produção contemporânea deste produto, apresentando novas temáticas e estéticas para seu uso.

4.2 Jornalismo Gonzo

Antes de abordarmos o jornalismo gonzo torna-se necessário falar sobre um enorme impacto causado nas estruturas da escrita jornalística: o *New Journalism*. Este já nega por completo dogmas impostos pela pirâmide invertida e o costumeiro lide. Muda-se o jeito de escrever e com isso permite que o jornalista se insira na narrativa sem alterar a realidade da notícia.

É neste momento que o jornalismo gonzo se diverge e se torna interessante a este produto. Conhecido pela forte influência de drogas pelo jornalista e temas como drogas, sexo e

política, o jornalismo Gonzo vai além. Ele trata o jornalista não como alguém que observa a realidade de perto, como no *New Journalism*, mas alguém que vive aquela realidade e a altera.

Outra característica marcante nos textos de Thompson e, conseqüentemente do jornalismo gonzo, é a escrita sempre em primeira pessoa. O objetivo era extirpar do leitor qualquer idéia de imparcialidade e isenção ideológica. Falar diretamente com o leitor o tornaria uma espécie de cúmplice da experiência relatada. Outra peculiaridade é a valorização da experiência do repórter, a tal ponto que o mesmo se tornaria um dos personagens da história. (MARTELLI, 2006, p.21)

Martelli ainda nos diz que, por saber das impressões do repórter, o leitor se torna ciente de todos os julgamentos e interferências causadas pelo autor-personagem, mostrando que os sentimentos também levam o leitor onde a lógica não pode.

Enquanto isso, Silva (2019) diz que é necessário tomar-se cuidado com o aspecto da parcialidade. Por mais que ele trate o jornalismo gonzo como destinado à aqueles que possuem interesse em uma nova proposta do jornalismo, onde o autor tem total interferência pessoal sobre o conteúdo e por isso, torna-o pessoal, é necessário que tome-se cuidado para que este tipo de conteúdo seja um erro para o leitor de primeira viagem, que seria inclinado para apenas um lado da história.

Apesar disso, Silva (2019) trata do jornalismo gonzo como uma tendência que transborda pelos mais diversos veículos, num movimento que o torna cada vez mais popular. Exemplo disso são produtos como o Pasquim, o programa CQC e o programa Profissão Repórter.

O jornalismo gonzo com suas vertentes aparecerá de forma mais estável nos próximos anos. As novas plataformas para se fazer jornalismo já existem, uma vez que não precisamos mais ficar totalmente a mercê do velho jornalismo, é possível criar conteúdo rompendo o modo tradicional. . (SILVA, 2019, p.23)

Por fim, temos o jornalismo gonzo como uma maior imersão possível do repórter no que se está sendo relatado e como uma nova maneira de despertar o interesse do público sobre os mais diversos assuntos, mesmo que isso seja feito de forma mais livre e anárquica se compararmos com toda a estrutura tradicional do jornalismo.

4.3 Jornalismo Cultural

Antes de se falar sobre Jornalismo Cultural, abre-se a discussão sobre o que é cultura. Talvez seja essa a maior discussão que englobe esta categoria jornalística. De acordo com Siqueira (2007) o conceito de cultura deve ser visto mais do que como um delimitador de espaços excludentes. É interessante tratá-lo como complementares, pois são estes os limites de um sistema que hierarquiza e ordena uma multiplicidade de elementos que se situam em lados extremos e funcionam de modo dinâmico.

Inúmeros autores das ciências sociais, incluindo antropólogos, filósofos e sociólogos, arriscaram alguma definição de cultura. Malinowski entendia cultura como um sistema de adaptação do homem à natureza; Marcel Mauss a via como um fato social total; de forma sintética, para Habermas, cultura, como ação comunicativa, é toda forma de ação mediada simbolicamente; para Lévi-Strauss é um sistema classificatório simbólico inconsciente; para Edmund Leach, é comunicação; enquanto para Marshall Sahlins, além de ordens de significados de pessoas e coisas, é uma forma de mediação entre o homem e a natureza. ... Mesmo uma definição que oponha cultura à natureza, não deixará de ser ela mesma produto de uma cultura. (SIQUEIRA, 2007, p.6)

Ainda de acordo com Siqueira (2007), para se entender o jornalismo cultural, busca-se a definição de cultura cunhada na Alemanha e na França do século XIX. Esta é a cultura sendo aquilo que há de mais singular em cada povo da face da terra e que não se confunda com nenhum outro.

Daniel Piza, em seu livro "Jornalismo Cultural" (2009), tece um panorama crítico e histórico de como se desenvolveu essa modalidade jornalística no mundo, tendo ênfase principalmente no Brasil. O autor, ainda que sem intenção de descrever uma "história formal do jornalismo cultural" (PIZA, 2009 p.06) passa por grandes nomes que tiveram influência para a consolidação desse conceito, como Machado de Assis.

O autor dá início ao texto discutindo a relevância do jornalismo cultural e a forma de compreendê-lo em uma sociedade que não o valoriza, atribuindo a ele um menor grau de importância por se diferenciar das notícias e produções jornalísticas da época.

Essa expressão jornalismo cultural, é um pouco incômoda [...] porque parece tratá-lo da mesma forma como tantas vezes ele ainda é tratado pela grande imprensa brasileira – desempenhando um papel algo secundário, quase decorativo [...] Além disso, há uma riqueza de temas e implicações no jornalismo cultural que também não combina com seu tratamento segmentado; afinal, a cultura está em tudo, é de sua essência misturar

Com isso, Piza (2009) evidencia o novo e maior valor para o produto “cultura”. Ele faz isso ao utilizar de técnicas jornalísticas ao tratar das características do que seria a manifestação cultural. Segundo o autor, “falar em jornalismo cultural significa abordar divergentes opiniões sobre o que é cultura e sobre como fazer um jornalismo em cima da individualidade das análises.” (PIZA, 2009, p.12).

Para Piza (2009), é necessário que atribua-se uma nova função do jornalismo cultural, para além de apenas a crítica de valores artísticos e ideias. Torna-se necessário que o jornalista evite o antigo costume onde “se concentraram mais e mais em repercutir o provável sucesso de massa de um lançamento e deixaram para o canto as tentativas de resistência - ou então as converteram também em ‘atrações’ com ibope menor, mas seguro” (PIZA, 2009, p. 31). Fazendo isso, abre-se a possibilidade de dar visibilidade a fenômenos culturais pouco difundidos ou inviabilizados e a democratização do acesso a esses produtos.

5. METODOLOGIAS

5.1 Pré-produção

Segundo Traquina (2005), o processo de produção jornalística se inicia na seleção dos acontecimentos. Devido a isso, o primeiro passo a ser tomado foi a escolha e o conhecimento da pauta. Em decorrência de já ter participado dos eventos da Recria Cine em edições passadas, já era de meu conhecimento o trabalho realizado pela equipe nas escolas da cidade de Ervália, assim como era palpável o resultado trazido por essas passagens. Com a ideia da Itinerância, o potencial desse impacto foi ainda maior e mais transformador, devido ao contato com os povoados rurais. Foi esse impacto que tornou a Recria Cine itinerante a pauta abordada.

Logo, assim como fez Émile Zola ao escrever seu romance denominado como “Naturalismo literário”, ao ir trabalhar em uma mina de carvão em greve para que assim pudesse ilustrar a situação precárias dos mineradores, o próximo passo foi me unir a equipe, como fotógrafo do evento, pois:

A isso era necessário somar-se a experiência vital de o repórter lançar-se a campo aberto, nos cenários sobre os quais escreveria, para melhor sentir a realidade também no que tem de subjetividade, imaterial.[...] Assim, suas reportagens têm calor, vida, rostos, nomes.”(LIMA, Edvaldo Pereira, 1993, p.27)

Dessa forma, pude vivenciar junto a eles essa experiência , dividir diálogos, compartilhar as mesmas descobertas e sensações e vivenciar de perto todos os acontecimentos. Ter uma imersão completa e uma proximidade que permite absorver toda a informação necessária, partilhando do campo do sensível, e assim projetar um olhar mais próximo da realidade ao realizar as fotografias, abrindo mão muitas vezes da posição de um mero observador para alguém ativamente participante daquele cenário.

5.2 Produção

Ainda de acordo com o autor, Traquina (2005), o processo de produção jornalística termina na construção final da notícia. Aqui o separaremos em produção e pós-produção, sendo a produção das imagens e registros dos acontecimentos, e a pós-produção como a seleção, o tratamento e a organização dessas imagens em uma linha narrativa que a conte da melhor forma, ou seja, um livro fotográfico.

Deste modo foi realizada a cobertura do evento, com fotografias que buscaram não apenas registrar o que ocorreu e como ocorreu, mas atingir também o campo do sensível para que pudesse transmitir todo o potencial humano e transformador do mesmo.

No entanto, há quesitos, principalmente da ordem do pensamento e achismos, que fogem do imagético que abrange à fotografia. A fim de suprir essa necessidade narrativa ocorre o uso da linguagem textual, seja ela com legendas ou através de relatos pessoais ou de outros.

“Para que a utilização da fotografia seja eficaz na apresentação das conclusões da pesquisa, é necessário que haja uma articulação entre as duas linguagens, a escrita e a visual, de modo que uma complemente e enriqueça a outra.” (GURAN, Milton.2012, p.81)

5.2.1 Relato pessoal e a escrita

Dito isso, torna-se de suma importância o relato pessoal. É aqui que se encontram as observações que completarão a narrativa do que foi o evento, observações que ajudarão a contar a história e trazer para próximo do real, do habitual. Há sim impressões e pensamentos que não foram registradas em imagens simplesmente por não existirem no campo do real, mas que ainda assim são de suma importância para representar este contato com o novo. Para que essa informação não se perdesse no meio de memórias embebidas de fantasias, todo o registro da ocorrência de uma observação foi realizada por um gravador.

Além disso, há ainda a experiência própria, como parte da equipe, como quem vivenciou o evento ao lado dos outros atores. Tal relato tem grande importância pois observa todos os acontecimentos de forma diferente: não se utiliza apenas do olhar de quem vive a experiência, mas também com o olhar do autor. Como um *voyeur*¹, pude observar um pouco mais afastado e registrar informações que dificilmente seriam passadas por entrevistas e que são de suma importância para a escrita da narrativa, para deixá-la mais próxima do real e mais atrativa. Tais informações vão desde comportamentos até características do ambiente, como por exemplo o clima e o relevo. Compõe também os relatos pessoais a experiência e dificuldades ao se registrar o evento, principalmente ao se falar do fazer fotográfico e o registro do cinema em baixa iluminação, da realização das entrevistas em meio ao trabalho como fotógrafo do evento, da criação de uma narrativa que buscasse ser pouco repetitiva por mais que o evento se repetisse e dos processos vivenciados na Recria Cine Itinerante para a execução do livro fotográfico “Tempo de Recriar”.

A fim de tornar toda a leitura mais leve e atrativa para o público leitor, o texto deve quebrar a rigidez da escrita jornalística. Para isso, ele será escrito a três mãos: um texto informativo e que ainda represente a experiência relatada do autor, mas transformado em uma linguagem mais poética e cativante por artistas da área, ou seja, poetas.

Há também a utilização de outros materiais gerados por outros membros da equipe que irão compor o livro, com o intuito de , além de complementar a narrativa, torná-la mais atrativa. Na Recria Cine muito se produziu ao se tratar de audiovisual e tais peças também fazem parte do

¹ No idioma francês, voyeur tem como definição “aquele que vê”. Dessa forma, há a descrição de alguém que gosta de observar os outros, mas sem participar do que estejam fazendo.

meio de contar essa história e podem sim, sair do meio digital. E é com tal cuidado e dinamismo que torna-se possível apresentar de forma mais próxima da realidade a experiência vivida por todos os núcleos, sejam eles a organização ou público, que participaram do evento Recria Cine Itinerante.

5.3 Pós-produção

Assim como foi a Recria Cine Itinerante, o livro fotográfico se separa em três momentos, um para cada povoado pelo qual o evento passou. Mas apenas essa separação não basta. Torna-se necessário uma contextualização sobre o evento e a cidade onde ele se passa, para que com isso as fotografias tenham a totalidade de seu impacto e significado.

No entanto como o foco principal deste livro é a fotografia, tendo a linguagem textual apenas como um complemento à ela, o primeiro passo passa a ser a seleção das fotos utilizadas. Tal seleção deve ser feita tendo em vista não só o ponto de vista técnico das fotografias mas principalmente seu valor narrativo. Após feita a seleção, é necessário que se faça o tratamento das imagens. Este deve ser feito de forma individual em cada foto, mas sem perder de vista toda a identidade visual do conjunto. Por fim temos a adição de textos e textos-legendas, que complementarão a linha narrativa e atribuirão sentido.

Dessa forma, as experiências do autor funcionarão, na maior parte do tempo, como uma linha guia a qual a história segue. Durante o livro, essa guia é constantemente tangenciada pelas experiências dos personagens entrevistados, que ajudam a formar o corpo do que foi a Recria Cine Itinerante e a ter acesso às várias realidades que compuseram o evento. Neste ponto é que faremos ouvir como foi o evento para o público do povoado, para os recém-chegados na organização, para os que vieram de outras cidades e para quem já fazia parte da equipe da Recria Cine.

Referente ao grafismo do livro, como dito anteriormente, várias formas de arte estarão presentes, afinal, sempre foi característico da Recria Cine levar juntamente com o cinema, um enorme leque artístico: seja em suas oficinas, saraus ou nas atividades recreativas. No livro-reportagem, essa característica se mantém. Há também a presença de outros artistas: no início de cada segmento do livro, ou seja, a cada novo povoado há uma ilustração e um poema. Tais peças foram feitas nos muros de cada escola e quando juntas formam uma só, um só poema

e uma só ilustração.

Todo o grafismo do livro segue a identidade do evento: As fontes, as cores, as ilustrações. O modo de exibição das fotografias busca um visual mais limpo, a fim de evitar distrações e manter um foco na imagem em questão para que ela não tenha que disputar espaço com outras. A capa do livro “Tempo de Recriar” trás um tom lúdico buscando um diálogo com a identidade visual do evento e com a vivência da Recria Cine. Assim, tal experiência se torna mais palpável desde o primeiro contato com o livro. Além disso, a capa busca remeter à fantasia em torno da itinerância, como circos, teatros e outras trupes de artistas, tal qual se observa na Recria Cine Itinerante.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução deste trabalho tem como característica mais marcante o registro do que foi a Recria Cine Itinerante. Dessa forma, ele carrega consigo o registro de uma ação que discute acerca da democratização do cinema em cidades interioranas. Mesmo que o evento, e conseqüentemente o livro, se passe no estado de Minas Gerais, esta é uma discussão que envolve todo o território brasileiro.

Apesar do contato anterior do autor com a Recria Cine, entender essa necessidade e ver o impacto causado pelo evento, aos olhos do autor, o tornou ainda mais grandioso e de maior importância, mudando a própria forma de como vê-lo e, conseqüentemente, de como mostrá-lo..

A democratização do cinema é pauta de trabalhos acadêmicos e de uma variedade enorme de projetos de extensão, onde se busca levar o cinema a locais onde ele não atinge. Ver isso de fato acontecer é transformador e deve ser registrado para que seja um exemplo a ser seguido de forma eficiente. “Tempo de recriar” é uma prova de que é possível fazê-lo. Todo o processo e experiência vivida se mostraram, socialmente, emocionalmente e humanamente, recompensadoras.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Edvaldo Pereira. O que é livro-reportagem. São Paulo: Brasiliense, 1993

- MARTELLI, Franco Prest. *Jornalismo gonzo: uma análise acerca do jornalismo literário*. 2006. 33p. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Curso de comunicação Social, ênfase em Jornalismo, Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, 2006
- PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. 3 edição. São Paulo, SP: Contexto, 2009.
- ROCHA, P.M.;XAVIER, C. *O Livro Reportagem e suas especificidades no campo jornalístico*. Rumores, São Paulo, 2013
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são*. 2 ed. Florianópolis:Insular, 2005
- HOVART, F., 1990. “Leçon du Photographe”, in: Photographie Magazine, n. 21 (abril de 1990), Paris.
- CARTIER-BRESSON, H., 1952. “L’instant décisif”, prefácio de *Images à la sauvette*, Paris: Ed. Verve. _____, 1976. Henri Cartier-Bresson. New York: Aperture (The Aperture History of Photography, v. 1).
- GURAN, M. *Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica – Notas e Reflexões*. 2012. Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2012. Disponível em: http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc_foto_pq.versao_final_27_dez.pdf. Acesso em: 12 de abril de 2023.
- SOUZA, Gabriela Duarte de. *Os efeitos de streaming de vídeo sobre o mercado de cinema dos Estados Unidos*. 2021. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Informação) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, University of São Paulo, São Paulo, 2021. oi:10.11606/D.100.2021.tde-11112021-153414. Acesso em: 2023-07-19.
- SILVA, Luan Araujo. *DISRUPÇÃO DO JORNALISMO: uma nova modalidade, o jornalismo gonzo*. Repositório da FEPESMIG,2019. Disponível em: <http://repositorio.unis.edu.br/handle/prefix/1284>. Acesso em: 19 de julho de 2023.
- PARR, Martin; BADGER, Gerry. *The Photobook: A History*. Volume I. Londres: Phaidon 2005.
- APFELBAUM, Sue; CEZZAR, Juliette. *Designing the Editorial Experience: A Primer for Print, Web, and Mobile*. Rockport Publishers, 2014
- SIQUEIRA, D. da C. O.; SIQUEIRA, E. D. de. *A cultura no jornalismo cultural*. Lumina, [S. l.], v. 1, n. 1, 2007. DOI: 10.34019/1981-4070.2007.v1.20990. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20990>. Acesso em: 20 jul. 2023.

